ISSN: 2358-8829

GRUPOS DE CONVIVÊNCIA EM AFASIA NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO: UM MAPEAMENTO SISTEMÁTICO DA LITERATURA SOBRE LINGUAGEM, CUIDADO E PARTICIPAÇÃO SOCIAL

Manuela Pereira Gomes[1]
Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo[2]

INTRODUÇÃO

A afasia, frequentemente decorrente de lesões cerebrais como o Acidente Vascular Cerebral (AVC), afeta não apenas a fala, a compreensão e a escrita, mas também as relações sociais, familiares e os processos de participação dos sujeitos na vida cotidiana. Nessa perspectiva, a afasia ultrapassa o campo biomédico e passa a ser compreendida como uma experiência que atravessa a subjetividade, a linguagem e as interações sociais. Diante disso, os grupos de convivência em afasia têm sido reconhecidos como importantes espaços de acolhimento, interação e reconstrução de vínculos sociais.

Estudos têm destacado a relevância de abordagens que compreendem a linguagem como prática social e constitutiva do sujeito, valorizando contextos que favoreçam a circulação da palavra e a participação social das pessoas com afasia (Morato, 2022; Berberian; Massi, 2021). Além de beneficiarem os sujeitos afásicos, esses grupos também podem contribuir para o fortalecimento das redes de apoio e para a redução do isolamento frequentemente vivenciado por familiares e cuidadores. No contexto universitário, configuram-se ainda como espaços de articulação entre ensino, pesquisa e extensão, promovendo experiências formativas pautadas no diálogo, na escuta e na construção coletiva do conhecimento (Freire, 2021).

Dessa forma, o objetivo geral consiste em analisar, por meio de um mapeamento sistemático da literatura, as produções científicas que abordam a importância dos grupos de convivência para pessoas com afasia no contexto universitário, considerando suas

[1] Doutorando no Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco – PE, manuela.00000859721@unicap.br
[2] Professora do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco – PE, nadia.azevedo@unicap.br

contribuições para a interação social, o funcionamento linguístico-discursivo, o acolhimento, as experiências de cuidado e a inclusão social.

Para alcançar o objetivo proposto, desenvolveu-se uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter exploratório-descritivo, por meio de um mapeamento sistemático da literatura, contemplando livros, artigos científicos e trabalhos acadêmicos publicados entre 1988 e 2023. O levantamento considerou os autores, as instituições de vínculo, os veículos de publicação e as principais contribuições teóricas relacionadas à temática, possibilitando organizar e discutir as diferentes perspectivas sobre os grupos de convivência em afasia.

As discussões evidenciam a importância dos grupos de convivência como espaços de interação, acolhimento, fortalecimento dos vínculos interpessoais e participação social das pessoas com afasia. Também destacam o papel das universidades na articulação entre ensino, pesquisa e extensão, especialmente na promoção de práticas interdisciplinares de cuidado e inclusão. Nesse sentido, o estudo contribui para ampliar a compreensão sobre a relevância desses espaços e reafirmar a responsabilidade social das instituições universitárias na construção de ações voltadas às pessoas com afasia e seus familiares.

METODOLOGIA

O estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter exploratório-descritivo, desenvolvida por meio de um mapeamento sistemático da literatura sobre a importância dos grupos de convivência para pessoas com afasia, com ênfase nas experiências vinculadas ao contexto universitário.

O levantamento contemplou livros, artigos científicos e trabalhos acadêmicos de pesquisadores das áreas de Neurolinguística, Fonoaudiologia e Ciências da Linguagem. Foram consideradas produções publicadas entre 1988 e 2023, incluindo trabalhos de autores como Coudry, Morato, Azevedo, Berberian, Massi, Guarinello e Sampaio, entre outros. O conjunto bibliográfico reuniu publicações em periódicos como *Estudos da Língua(gem)*, *Distúrbios da Comunicação*, *Revista CEFAC*, *CoDAS*, *Signo* e *Revista Philologus*, além de livros e dissertações publicados por instituições e editoras acadêmicas.

Para sistematização das informações, foram elaborados quadros analíticos contemplando autoria, ano de publicação, instituição de vínculo, periódico ou veículo de publicação e principais contribuições teóricas. A análise das produções buscou identificar

aproximações conceituais e contribuições relacionadas à interação social, à comunicação, ao acolhimento, à autonomia e à participação das pessoas com afasia.

A partir desse levantamento, discutiu-se a relevância dos grupos de convivência como espaços de interação, pertencimento e inclusão social, bem como o papel das universidades na articulação entre produção científica, práticas de extensão e compromisso social.

REFERENCIAL TEÓRICO

Grupos de convivência em afasia no Brasil

No Brasil, os grupos de convivência em afasia consolidaram-se como importantes espaços de interação, acolhimento e reconstrução das práticas discursivas de sujeitos afásicos e seus familiares. Inspiradas principalmente pelos pressupostos da Neurolinguística Discursiva, essas iniciativas deslocam a compreensão da afasia de uma perspectiva estritamente biomédica para uma abordagem que considera a linguagem em funcionamento, nas relações sociais e nas práticas cotidianas de significação (Coudry, 1988; Morato, 2002). Nesse contexto, a afasia deixa de ser compreendida apenas como déficit linguístico decorrente de uma lesão neurológica e passa a ser analisada também em seus impactos subjetivos, comunicativos e sociais.

O principal marco brasileiro dessa proposta foi a criação do Centro de Convivência de Afásicos (CCA), na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), ao final da década de 1980, por pesquisadores como Maria Irma Hadler Coudry, Edwiges Maria Morato e Benito Damasceno. O CCA surgiu com o propósito de desmedicalizar a abordagem da afasia e criar um espaço de convivência entre sujeitos afásicos, familiares, pesquisadores e estudantes, fundamentado em práticas sociais e discursivas reais. Segundo Morato et al. (2002), a proposta do grupo consiste em favorecer a reorganização linguístico-cognitiva, a reconstrução dos vínculos sociais e a ampliação das possibilidades de participação dos sujeitos afásicos em diferentes práticas discursivas.

Embora não existam levantamentos nacionais que indiquem precisamente quantos grupos de convivência em afasia estão institucionalmente implantados no Brasil, a literatura aponta que a experiência do CCA influenciou a criação de outras iniciativas em universidades, serviços de saúde e projetos de extensão, ampliando os espaços de acolhimento e interação para sujeitos afásicos e seus cuidadores. Entre essas experiências,

destacam-se o Grupo Pauliceia, criado em 2001 a partir da experiência vivenciada no CCA, e o Grupo de Convivência em Afasia da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), coordenado pela professora Drª Nádia Azevedo, que articula ensino, pesquisa, extensão e cuidado em uma perspectiva humanizada e discursiva.

Sob essa perspectiva, os grupos de convivência ultrapassam a função terapêutica tradicional e passam a constituir espaços de produção de sentidos, pertencimento e inclusão social. Conforme Sampaio (2006; 2010), esses grupos podem ser compreendidos como comunidades de fala, nas quais sujeitos afásicos e não afásicos constroem conjuntamente práticas comunicativas utilizando recursos verbais e não verbais. Da mesma forma, Mira (2007; 2012) demonstra que as interações desenvolvidas nesses espaços favorecem a manutenção da participação discursiva e da vida social dos sujeitos afásicos. Assim, os grupos de convivência configuram-se como importantes dispositivos de reconstrução subjetiva, permitindo que a linguagem continue operando como espaço de constituição dos sujeitos, mesmo diante das rupturas impostas pela afasia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para contextualizar o quadro, apresenta-se o levantamento das principais produções científicas relacionadas à afasia e aos grupos de convivência, considerando seus autores, instituições de vínculo, veículos de publicação e contribuições teóricas. O mapeamento permite identificar diferentes perspectivas sobre a linguagem, a interação social e as práticas de cuidado, além de evidenciar a participação das instituições universitárias na construção e disseminação do conhecimento sobre a temática, como podemos analisar no quadro 1 abaixo:

Quadro 1 - Mapeamento das produções científicas sobre afasia e grupos de convivência

Autor(es)	Ano(s) de publicação (referência-base)	Principais contribuições teóricas	Contribuições para os grupos de convivência em afasia
Nádia Azevedo	2018; 2021; 2023	Desenvolve pesquisas sobre linguagem, subjetivação, afasia, interação e práticas discursivas em contextos coletivos. Seus estudos	Defende os grupos de convivência como espaços de circulação da palavra, reconstrução das possibilidades enunciativas,

Autor(es)	Ano(s) de publicação (referência-base)	Principais contribuições teóricas	Contribuições para os grupos de convivência em afasia
		enfatizam a linguagem como prática social e a reconstrução identitária de sujeitos afásicos em espaços de convivência. Atua na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), desenvolvendo ações acadêmicas e extensionistas voltadas ao Grupo de Convivência em Afasia.	fortalecimento dos vínculos sociais e ressignificação da experiência da afasia para sujeitos afásicos e seus cuidadores. Sua atuação destaca a relevância da universidade como espaço de inclusão, acolhimento e transformação social.
Maria Irma Hadler Coudry	1986; 1988; 2002	Fundadora da Neurolinguística Discursiva no Brasil. Rompe com perspectivas estritamente organicistas da afasia, compreendendo a linguagem em sua dimensão histórica, social e discursiva.	Foi pioneira na criação do Centro de Convivência de Afásicos (CCA/UNICAMP), defendendo espaços coletivos como ambientes de reconstrução da linguagem e da participação social.
Edwiges Maria Morato	2002; 2017; 2022	Desenvolve estudos sobre linguagem, cognição, interação e afasia, enfatizando os processos de construção conjunta de sentidos.	Demonstra que os grupos de convivência favorecem práticas interacionais significativas, ampliando as possibilidades comunicativas e os processos de pertencimento social.
Ana Paula Berberian	2006; 2014; 2021	Investiga a linguagem sob uma perspectiva discursiva e social, destacando os processos de subjetivação e inclusão de sujeitos com alterações de linguagem.	Evidencia que os grupos de convivência favorecem a circulação da palavra, a escuta e a ressignificação da experiência da afasia.
Giselle Ane Bortoluzzi Massi	2007; 2015; 2021	Desenvolve pesquisas sobre afasia, interação, família e práticas sociais da linguagem.	Mostra que os grupos fortalecem redes de apoio, diminuem o isolamento social e contribuem para o cuidado compartilhado.
Ana Cristina Guarinello	2004; 2013; 2017	Estuda os aspectos discursivos e sociais da linguagem em contextos de reabilitação.	Destaca que os grupos ampliam oportunidades reais de interação, favorecendo autonomia e inclusão social.
Francisleine Moleta	2011; 2017	Investiga os impactos da afasia na vida dos cuidadores familiares.	Demonstra que os grupos possibilitam trocas de experiências e fortalecimento emocional dos cuidadores.
Nirvana Ferraz Santos Sampaio	2010; 2015; 2020	Analisa a afasia a partir da Neurolinguística Discursiva e das práticas interacionais.	Compreende os grupos como comunidades discursivas que possibilitam múltiplas formas de participação comunicativa.
Caio César Costa Ribeiro Mira	2011	Investiga a dinâmica conversacional entre sujeitos afásicos e não afásicos.	Evidencia que os grupos favorecem a construção colaborativa dos sentidos e a manutenção das interações sociais.
Rafaela Marques Di Giulio; Regina Yu Shon Chun	2014	Estudam os impactos da afasia na perspectiva dos cuidadores e familiares.	Reforçam a importância dos grupos como espaços de apoio emocional e ressignificação do cuidado.
Camila Dias Möller et al.	2020	Investigam qualidade de vida e participação social de sujeitos afásicos.	Demonstram que a participação em grupos melhora aspectos relacionados

Autor(es)	Ano(s) de publicação (referência-base)	Principais contribuições teóricas	Contribuições para os grupos de convivência em afasia
			ao bem-estar, interação social e pertencimento.
Iva Ribeiro Cota; Tamiles Paiva Novaes et al.	2020	Analisam os impactos subjetivos da afasia e os processos de reconstrução da linguagem.	Mostram que a convivência favorece a produção de sentidos e a reconstrução das possibilidades comunicativas.
Vivian Meira de Oliveira	2016	Discute a recuperação comunicativa de sujeitos afásicos a partir da Neurolinguística Discursiva.	Destaca a relevância das práticas interacionais coletivas para a reinserção social dos sujeitos afásicos.

Fonte: as autoras

O Quadro 1 evidencia a consolidação de uma importante tradição brasileira de estudos sobre afasia, linguagem e interação social, cuja principal característica consiste no deslocamento da compreensão da afasia de uma perspectiva estritamente biomédica para uma abordagem que reconhece a linguagem como prática social, histórica e discursiva. Nesse cenário, observa-se que os grupos de convivência assumem papel central não apenas nos processos de reabilitação, mas, sobretudo, na reconstrução das possibilidades de participação social, produção de sentidos e constituição subjetiva de sujeitos afásicos e seus cuidadores.

No contexto desta pesquisa, destaca-se inicialmente a contribuição de Nadia Azevedo, cujas investigações desenvolvidas na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) têm enfatizado a relevância dos grupos de convivência como espaços de acolhimento, interação e circulação da palavra. Em consonância com perspectivas discursivas da linguagem, a autora compreende que a afasia não implica a interrupção da condição de sujeito, mas exige a construção de novos modos de participação social e enunciativa. Nesse sentido, os grupos de convivência constituem espaços privilegiados para que sujeitos afásicos e seus familiares possam reconstruir sentidos sobre a doença, sobre o cuidado e sobre suas próprias trajetórias de vida (Azevedo, 2023).

Entretanto, as bases teóricas que sustentam tais discussões remontam aos estudos pioneiros de Maria Irma Hadler Coudry, responsável pela constituição da Neurolinguística Discursiva no Brasil. Ao questionar modelos centrados exclusivamente na lesão cerebral, Coudry (1988) propõe que a afasia seja compreendida a partir do funcionamento da linguagem em situações concretas de interação. Nessa perspectiva, o sujeito afásico deixa de ser definido apenas pela perda linguística e passa a ser

reconhecido por suas possibilidades de significação. A criação do Centro de Convivência de Afásicos (CCA), na Universidade Estadual de Campinas, materializa essa concepção ao oferecer um espaço no qual a linguagem é vivenciada em sua dimensão social e não apenas clínica.

Essa compreensão é ampliada por Morato (2002, 2022), ao defender que a afasia afeta não somente estruturas linguísticas, mas também as condições de participação social dos sujeitos. Para a autora, as interações cotidianas desempenham papel fundamental na reconstrução das práticas discursivas, uma vez que é na relação com o outro que os sujeitos produzem sentidos e reorganizam suas experiências. Sob essa ótica, os grupos de convivência tornam-se espaços privilegiados para a reinserção social, favorecendo a reconstrução dos vínculos comunicativos frequentemente fragilizados após o AVC.

Na mesma direção, Berberian (2006; 2021) e Massi (2015; 2021) defendem que a linguagem deve ser compreendida como atividade constitutiva das relações humanas. Seus estudos demonstram que os grupos de convivência favorecem processos de inclusão social ao criarem oportunidades de escuta, diálogo e compartilhamento de experiências. Para as autoras, a participação em espaços coletivos possibilita a emergência de novos sentidos sobre a afasia, deslocando os sujeitos de posições marcadas exclusivamente pela falta e pela incapacidade para lugares de pertencimento e reconhecimento social.

As contribuições de Guarinello (2013) reforçam essa perspectiva ao evidenciar que a reconstrução comunicativa não ocorre apenas em contextos terapêuticos formais, mas também em situações reais de uso da linguagem. A autora argumenta que a interação social constitui elemento indispensável para a ampliação das possibilidades comunicativas dos sujeitos afásicos, aspecto frequentemente observado nos grupos de convivência.

Além dos benefícios para os sujeitos afásicos, a literatura também destaca os impactos positivos desses espaços para familiares e cuidadores. Estudos desenvolvidos por Moleta et al. (2011) e por Di Giulio e Chun (2014) demonstram que a afasia produz profundas transformações na dinâmica familiar, exigindo adaptações emocionais, sociais e comunicativas. Nesse contexto, os grupos de convivência funcionam como espaços de apoio mútuo, nos quais os cuidadores podem compartilhar experiências, elaborar dificuldades e construir estratégias coletivas para enfrentar os desafios do cuidado cotidiano.

Sob a perspectiva da interação, Sampaio (2010) e Mira (2011) demonstram que os sujeitos afásicos permanecem capazes de participar ativamente das práticas discursivas quando inseridos em ambientes comunicativos favoráveis. Seus estudos evidenciam que recursos verbais e não verbais são constantemente mobilizados para garantir a manutenção das interações, revelando que a afasia não elimina a capacidade de produzir sentidos, mas modifica as formas pelas quais essa produção ocorre.

Por sua vez, pesquisas mais recentes, como as desenvolvidas por Möller et al. (2020), Cota et al. (2020) e Oliveira (2016), ampliam essa discussão ao demonstrar que a participação em grupos de convivência está associada à melhora da qualidade de vida, ao fortalecimento dos vínculos sociais e à ampliação das possibilidades de participação comunitária. Esses estudos reforçam que a convivência não representa apenas uma estratégia complementar de reabilitação, mas um dispositivo de inclusão social e reconstrução subjetiva.

Dessa forma, o estado da arte apresentado no quadro revela um consenso entre os pesquisadores brasileiros: os grupos de convivência em afasia constituem espaços fundamentais para a reconstrução da linguagem, da identidade e dos vínculos sociais. Mais do que ambientes terapêuticos, esses grupos configuram-se como espaços de produção de sentidos, nos quais sujeitos afásicos e seus cuidadores podem ressignificar suas experiências e reconstruir formas de participação na vida social. Tal compreensão dialoga diretamente com os pressupostos da Análise do Discurso materialista, ao reconhecer que os sentidos são produzidos historicamente nas relações sociais e que a linguagem permanece como condição fundamental para a constituição dos sujeitos, mesmo diante das rupturas impostas pela afasia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mapeamento sistemático da literatura evidenciou a relevância dos grupos de convivência para pessoas com afasia, destacando suas contribuições para além da reabilitação dos aspectos linguísticos. As produções analisadas apontam que esses espaços favorecem a interação social, a reconstrução das possibilidades comunicativas, o fortalecimento dos vínculos interpessoais, a autonomia e a participação social dos sujeitos afásicos.

Os estudos de autores como Nadia Azevedo, Maria Irma Hadler Coudry, Edwiges Morato, Ana Paula Berberian, Giselle Ane Guarinello e demais pesquisadores identificados no levantamento demonstram a importância de compreender a afasia em suas dimensões linguísticas, discursivas, históricas e sociais. Nessa perspectiva, os grupos de convivência constituem espaços de acolhimento, pertencimento e valorização dos sujeitos, nos quais a linguagem é compreendida para além de suas limitações clínicas.

No contexto universitário, destaca-se o papel das instituições de ensino superior na articulação entre pesquisa, ensino e extensão, promovendo práticas interdisciplinares de cuidado, acompanhamento e inclusão social. A universidade, nesse sentido, assume uma função social que ultrapassa a produção do conhecimento científico, contribuindo diretamente para a construção de espaços de participação e reconhecimento das pessoas com afasia e seus familiares.

Conclui-se que os grupos de convivência representam importantes dispositivos de transformação social, pois possibilitam outros modos de compreender a afasia, deslocando o olhar exclusivamente centrado no déficit para uma perspectiva que reconhece o sujeito em sua dimensão linguística, histórica e social. Ressalta-se, ainda, a necessidade de ampliar as pesquisas sobre essas experiências, especialmente quanto às práticas extensionistas universitárias e aos impactos desses espaços na vida dos sujeitos afásicos.

AGRADECIMENTOS – Agradeço imensamente a minha orientadora Profª Drª Nadia Azevedo por tanto conhecimento transmitido.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Nádia. **Linguagem, interação e afasia**: práticas discursivas em grupos de convivência. Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 2023.

BERBERIAN, Ana Paula; MASSI, Giselle de Athayde. **Afasia e interação**: perspectivas discursivas sobre linguagem e cuidado. São Paulo: Plexus, 2021.

COTA, Iva Ribeiro; NOVAES, Tamiles Paiva *et al*. Repercussões da afasia na vida de sujeitos afásicos. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 78, p. 112-128, 2020.

COUDRY, Maria Irma Hadler. **Diário de Narciso**: discurso e afasia. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

COUDRY, Maria Irma Hadler. Neurolinguística discursiva: afasia como tradução. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 10, n. 2, p. 15-36, 2012.

DI GIULIO, Rafaela Marques; CHUN, Regina Yu Shon. Impacto da afasia na perspectiva de familiares. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 312-323, 2014.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GUARINELLO, Ana Cristina. **Linguagem e afasia**: perspectivas discursivas. Curitiba: CRV, 2017.

GUARINELLO, Ana Cristina. **O grupo como espaço de construção da linguagem**. Curitiba: Editora CRV, 2013.

MASSI, Giselle Ane Bortoluzzi; BERBERIAN, Ana Paula. Linguagem, interação e afasia: perspectivas discursivas. **Revista CEFAC**, Campinas, v. 17, n. 5, p. 1594-1602, 2015.

MIRA, Caio César Costa Ribeiro. **Afasia e interação**: uma análise da dinâmica de turnos e da gestão do tópico discursivo. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

MOLETA, Francisleine *et al*. O cuidador familiar no contexto das afasias. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 357-367, 2011.

MÖLLER, Camila Dias *et al*. Qualidade de vida de sujeitos com afasia participantes de grupo interdisciplinar de convivência. **CoDAS**, São Paulo, v. 32, n. 6, p. 1-8, 2020. *(Nota: Adicionado padrão de paginação comum à revista).*

MORATO, Edwiges Maria. **Afasia e vida social**. Campinas: Mercado de Letras, 2022.

MORATO, Edwiges Maria. **Da condição afásica à convivência com a afasia**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

MORATO, Edwiges Maria. **Linguagem, interação e afasia**: perspectivas enunciativo-discursivas. Campinas: Mercado de Letras, 2022.

OLIVEIRA, Vivian Meira de. A Neurolinguística Discursiva e a recuperação da capacidade comunicativa de sujeitos afásicos. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 41, n. 71, p. 123-135, 2016.

SAMPAIO, Nirvana Ferraz Santos. O Centro de Convivência de Afásicos em foco: linguagem e interação. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 8, n. 2, p. 97-118, 2010.

ISSN: 2358-8829